

# O CONSTITUINTE

1.º ANNO

NUMERO 33

A correspondencia deve ser dirigida, franca de porte, para a redacção, Campo de Sant'Anna, 11.

As assignaturas são pagas adiantadas: bem como as correspondencias de interesse particular.

SABBADO 6 DE NOVEMBRO DE 1880

Preços da assignatura		Anuncios, por linha. . . . .	
Semestre . . . . .	13000	Repetições . . . . .	10
Anno . . . . .	23000	Communicados . . . . .	40
(Brazil), moeda forte	43500	Os surs. assignantes gozam	25
Avulso . . . . .	40	por cento de abatimento.	

**Braga, 6 de novembro**

O paiz está admirado da semceremonia com que certos homens d'estado lançam mão de todos os meios para não largarem as cadeiras do poder.

O procedimento do sr. ministro da fazenda na questão de prestação de contas d'uma testamentaria rica sobressaltou a quantos não abrigavam duvidas sobre sua honestidade de caracter.

Não se pôde andar tão mal como elle tem andado em assumpto de tamanha gravidade sem que falte a quem assim procede ou a prudencia ou a justiça, e em qualquer dos casos ninguém invejará a triste posição d'aquelle ministro da corôa.

Somos opposição ao governo, mas nunca nos serviremos de armas desleaes para o combater. Desejamos a sua queda. Estamos convencidos que a sua permanencia no poder é nefasta aos interesses do paiz. Não ha porém considerações d'ordem alguma que nos levem a attribuir com menos verdade a nossos adversarios qualquer facto que deshonre o homem de bem e enovalhe o funcionario que sobraça os sellos do poder.

A cima de todos os interesses está o interesse da verdade e apraz-nos sempre ajuizar bem dos outros em quanto elles nos não convençam do contrario por modo que não deixe duvida alguma em nosso espirito.

A questão é muito simples e pelo que cada um de nós faria se o caso succedesse connosco, avaliemos o que tem feito o sr. Barros Gomes.

A imprensa opposicionista annunciou, ha tempos, que estava em Lis-

boa, vinda do Maranhão, uma carta rogatoria citatoria para ser intimada ao ministro da fazenda de Portugal. afim de que elle prestasse no Brazil contas d'uma testamentaria de 600 contos de reis, como herdeiro legitimo de quem se finara sem as ter dado.

A noticia fez sensação, como era natural e avivou a lembrança da falta de contas d'outra testamentaria mais importante ainda, a testamentaria do conde de Ferreira, na qual estão envolvidos com bem pouco invejaveis notas altas influencias progressistas na invicta cidade do Porto.

Foi n'este ponto que appareceu na imprensa o sr. ministro da fazenda a declarar que nem elle nem seus ascendentes tiveram nunca que ver com a tal testamentaria do Maranhão e que tudo quanto em contrario se publicava era uma pura falsidade e invenção pouco escrupulosa de quem o procurava ferir sem justiça, nos sentimentos que o homem honrado mais presa—o nome immaculado de seu pae e a propria dignidade.

A carta do sr. Barros Gomes parecia acabar com a questão. O ministro da corôa negava recondamente o facto que lhe attribuiam. De suppor era que a pretendida falsa testamentaria recuasse, fugisse d'apparecer a publico e não quizesse receber da illustração e imparcialidade dos tribunaes brazileiros uma sentença condemnatoria, como lh'a denunciava infallivel a carta arrogante do sr. ministro da fazenda.

Pois não succedeu assim. A imprensa continuou a fazer luz no caso da testamentaria negada. Publicou que já tinha sido abafada, no compe-

tente ministerio, outra carta citatoria, pela falta de prestação de contas da mesma testamentaria, vinda do Maranhão antes do sr. Barros Gomes ser ministro.

Este facto não foi contestado. É pois verdade que alguém tirou d'uma repartição publica um documento sobre a obrigação que alguém tinha de dar contas d'uma herança de 600 contos. Não o tirou senão quem tinha interesse n'isso. Se tal documento não valia nada, ninguém procuraria fazê-lo desaparecer. É pouco crível que o sr. Barros Gomes fosse estranho a isso.

É muito crível que elle pelo menos o approvasse e agradecesse.

O que succedeu depois da publicação da carta do ministro mostra que foi a mesma mão que fez desaparecer a primeira deprecada a que fez pôr embargos á segunda.

Fizeram que não apparecesse a primeira carta para citação perante o poder judicial brazileiro, desencaminhando-a na secretaria d'estado do governo portuguez; os interessados tomaram mais cautella da segunda vez; não pôde porisso abafar-se a citação como na primeira acontecera, mas emfim fez-se o que era possivel, mettem-se embargos, e estes levam tempo a decidir e são julgados em Portugal e é dictado portuguez que não morre mouro quem tem padrinho.

Ora, quem comparar os factos que levamos apontados com a celebre declaração ao publico contida na carta do nobre ministro da fazenda, difficilmente poderá deixar de sentir-se mal impressionado a respeito da innocencia do sr. Barros Gomes na testamentaria de 600 contos.

O ministro da corôa veio dizer ao

publico que nem elle nem seu fallecido pae deviam coisa alguma pelo facto de que o arguiam. Pelem-se-lhe as provas. Não as quer dar. Negar a testamentaria. Apparece esta. Elle foge a examinal-a. Poucos homens obrariam assim. Poucos haverá que ajuizem bem de quem procede de modo semelhante.

Se não deve, porque teme? Se deve, porque disse nada dever?

O caminho traçado para qualquer mortal nas circumstancias em que estava o sr. Barros Gomes era deixar-se citar, ir ou mandar procurador bastante ao Maranhão, instar porque a questão se resolvesse depressa, e com sentença d'absolvição, confundir os seus accusadores.

Não fez o que faria um homem mediocrementemente zeloso do credito de seu nome, porisso verga sob o peso das mais graves suspeitas, e tornou-se impossivel a sua permanencia no seio do gabinete.

Em Portugal não pôde haver ministros que sejam irregulares por falta de boa fama. E' preciso que os conselheiros da corôa sejam honrados e o pareçam. O poder é uma coisa augusta. Os que o exercem devem-se dar como exemplo a todos no bem, na honra, na honestidade, no respeito pela opinião publica.

Esta desamparou e condemnou o actual ministro da fazenda. Elle lhe forneceu as provas. Queixe-se de si. Maior justiça lhe virá mais tarde.

O governo progressista subiu ao poder pelo descredito em que lançou os regeneradores. Gritando contra elles pelo espaço de oito annos, apre-

sentando-os como gastadores perdularios, como esbanjadores dos dinheiros publicos, conseguiu malquistal-os com a opinião publica e substituil-os na administração do estado.

Vae caminho de dous annos que a Granja sobraça as appetecidas pastas e ainda não tivemos governo, desde que ha systema constitucional em Portugal, que em tão pouco tempo e fazendo tão pouco, gastasse tanto dinheiro e avolumasse assim a divida publica.

Era a divida fluctuante, quando entrou a Granja no poder, de cerca de 11:000 contos. Está hoje bem perto de vinte mil. Em oito annos de governo regenerador subiu a divida a 11 mil contos; em pouco mais d'anno e meio de governação granjola ascendeu a divida fluctuante mais 6 ou 7 mil contos.

Se tal gente se podesse conservar no governo tanto tempo como lá esteve a regeneração, subindo assim a divida a olhos vistos, todos os dias, a final não chegava quanto tinhamos para pagar quanto devermos. Nunca tivemos tamanha divida fluctuante.

Ora, representando a divida fluctuante o deficit proveniente das despesas excessivas da administração do estado; sendo a divida fluctuante a somma do que se gastou a mais do que renderam as receitas ordinarias, e havendo durante a curta gerencia progressista proporcionalmente muito maior deficit do que recebera da longa gerencia regeneradora, a conclusão é que ambas as gerencias são más, porém que a pior é a da granja.

Cresceram os tributos; augmentaram as receitas; devia diminuir a divida. Não succedeu assim. Com o aug-

ta canôa é o assumpto de todas as conversações.

É uma canôa nova, ainda não foi estreada; mas ninguém se quer metter n'ella ao mar, porque ainda não foi baptisada. O baptismo far-se-ha em meia hora. Examinam a canôa por todos os lados. Cada um emite e discute sua opinião. Para um pescador, uma canôa tem toda a importancia que um cavallo tem para o cavalleiro arabe. A canôa tem ou não tem viga bastante e a viga principal está bem lançada?

Navegará bem? Irá melhor á vela ou a remos? Está chapeada de cobre. «Está como cozida», diz um pescador. É um batelzinho bem feito. Geralmente, salvas algumas criticas de pequena importancia, a canôa é approvada. Declara-se que quem a construiu, não é pastor. Mas os sinos da Igreja começam a tocar: ahi vem o cura. Está tudo preparado; a canôa está com as velas, como se estivesse no mar.

Tiveram o cuidado de reunir todos os apparatus. Não faltam remos, nem

FOLHETIM

**PASSEIOS Á BEIRA-MAR**

POR

**AVONSO KARR**

(VERSÃO)

**Quarto passeio**

II

*Grandeza do homem*

Este campo, que elle atravessa, é de M. Chaussée, o que vae atravessar, é de M. Thieulle. Córta um punhado d'herva... Alto-lá! essa herba é de M. Paulo Frémont! Sae um coelho da toca, quer ir-lhe no encalço... — Tenha não! esta terra é de M. Delahaye; o coelho é de M. Delahaye. Uma sebe de espinheiro-alvar exhala um doce perfume, colhe um ramo para sua ella... «Não tendes vergonha, grita-lhe uma voz do outro lado da sebe. Vós daes-me cabo do espinheiro!»

Tem sêde, passa por baixo d'uma macieira, colhe uma d'essas maçãs vermelhas, que descem até sua bocca, trazidas pelo peso dos ramos enrugados e musgosos; vem um cão e quer mordel-o. É no quintal de Pedro Acher.

Por toda a parte, onde poem o pé, está na propriedade d'alguem; nada é d'elle; só por tolerancia é que lhe deixam dar alguns passos... Mas eil-o em face do mar. O Oceano é todo d'elle, com todos os seus thesouros... basta ser mais valente e mais habil para recolher essa rica seara, semeada para elle desde toda a eternidade!... Os sulcos, que cada um traça sobre o mar, desaparecem, e não pertencem a quem os abriu; ninguém planta sebes; o director das obras publicas não embarga a obra. O mais rico proprietario tem muros, limites, visinhos; o mais pobre tem todo o mar para si! por isso com que ardor, alegria e destimidez abre elle todos os dias no Oceano, com a quilha de sua canôa, o sulco sempre fechado e sempre fecundo!... Admira

que lhe proponham outro estado, e julga loucura e estupidez o que lhe contam relativamente a um pastor. E' este o termo que elle emprega de melhor grado para falar do homem, que trabalha na terra. Nos intervallos que passa na terra, olha para elle: deita-se sobre a herva, contempla o mar, fala do mar.

Poucas plantas e poucas flores conhece. Nunca vereis um pescador sentado, com as costas voltadas para o mar. Contempla-o sempre e estuda-o; custa-lhe a falar d'outra cousa; mas, de qualquer coisa que fale, não temaes distrair sua attenção. Segue com os olhos esse navio que vem do largo, e, pela sua direcção e disposição do velame, sabe de que lado sopra o vento nas paragens da Hève, lá onde suas vistas não podem alcançar.

As grandes gaivotas indicam-lhe a direcção que seguem os pequenos peixes que as cavallas perseguem debaixo d'agua, ao passo que as gaivotas os expulsam de cima. As cores variadas do mar, as do céu, tudo

lhe fala; é um livro constantemente aberto, que elle constantemente lê.

Ha, a proposito d'outros livros, idolatras que affectam ler sempre as mesmas obras. Passerat tinha lido quarenta vezes Plauto; Madame Dacier tinha lido duzentas vezes Aristophanes. Affonso o sabio, rei de Castella, tinha lido quatorze vezes toda a Biblia com os commentarios; cita-se um iman que tinha lido sete mil vezes o Coran. Ha pessoas que lêem constantemente seu Horacio. Isto é muito pouco com relação aos nossos pescadores, que nunca desviam os olhos de seu bello livro! Os rapazes soletam-n'o, os velhos lêem-n'o; livro sem fim, sem monotonia; livro que se lê sempre, sem nunca se acabar de lêr.

III

*Um espirito forte.*

Hoje todos os pescadores estão reunidos em roda d'uma canôa, e es-

mento dos impostos veio o agravamento do deficit. Como acontece isto e como se soffre isto?

A verdade é que o paiz piorou com a subida da Granja ao poder.

O contribuinte paga mais e deve cada vez mais. O que elle dá para tapar os buracos de antigas dividas não chega lá. Criou-se uma nova coorte de numerosos consumidores do suor do povo, e é preciso tudo para isso e para outras coisas, e mais não chega, e por isso o governo pede emprestado e vae crescendo a divida fluctuante.

E' ir andando, que a roda não pôde gyrar assim muito tempo e ha de partir-se forçosamente.

### A «Ordem» de Coimbra.

Este collega quiz fazer-nos a honra de se occupar do nosso artigo sobre o encarte nos logares de professores dos seminarios diocesanos.

Combate o principio do concurso. Entende que o concurso é meio insufficiente para a escolha acertada de professores, por que sobre todos os predados a exigir no professor está a moralidade, que se não avalia no concurso. Podia dar-se o caso dos prelados terem de propor e aceitar para mestres de sciencias ecclesiasticas os clerigos mais sabios, sim, mas tambem mais desmoralizados, inconveniente que se evita segundo a opinião do collega, com a continuação do encarte por simples proposta, a qual ainda tem a vantagem do ordinario despedir o encartado quando veja que este não cumpre perfeitamente o seu dever.

E diz mais que longe de ser o concurso praxe seguida em todos os estabelecimentos litterarios do paiz, vae n'uma duzia d'annos que se não proveem as cadeiras nos lyceus se não por simples portarias.

Os reparos do collega não teem o menor pezo. O principio da intervenção de muitos para a melhor escolha da pessoa que tem de desempenhar função ecclesiastica é coevo com a fundação da religião christã, praticou-se á risca nos melhores tempos da disciplina ecclesiastica e o concilio de Trento ordenou os concursos para os beneficios ecclesiasticos com cura d'almas, e n'esses concursos manda avaliar da sciencia e da moralidade do concorrente. Não deixou isso só ao bispo. Se pois não pôde o prelado só por si avaliar da competencia do simples aspirante a cura d'al-

mas, como poderá avaliar o que se destina a ser mestre d'aquelle?

Não é verdade que se tenha entre nós feito despacho algum ecclesiastico contrario ao informe dos prelados. Os temores do collega são por isso pueris. Negar a vantagem dos concursos ao menos em theoria, é um paradoxo perante o mais trivial senso commum.

Queremos os prelados respeitadas e com força para bem governarem a igreja, mas não apoiaremos o arbitrio embora parta do mais alto poder do sanctuario.

Não tem mais força o que o collega diz sobre os professores amovíveis dos lyceus.

Por não entrarem por concurso é que lá estarão alguns na cadeira de mestres que não seriam sequer razoaveis discipulos. O que é certo é que só por concurso agora lá continuarão a ficar. O que se fez no periodo indicado pelo collega foi tudo interino: foi para durar unicamente em quanto não chegava a promettida reforma de instrucção.

Quanto ao mais não é commosco. D'aqui não ha pertencões nem desconsolos por tal motivo. Outro tanto não poderão dizer os outros.

O collega talvez saiba isso.

Não parecerão tambem sensatas ao collega do *Commercio do Minho*, estas nossas reflexões?

Como noticia de maior effeito, nos entreteem os jornaes estrangeiros com a narração dos propositos blicosos em que está a pequena Grecia contra o imperio da Turquia.

Os helenos estão resolvidos a entrar em lucta, quer sós, quer acompanhados das potencias protectoras.

A Thessalia e o Epiro como que lhes estão acenando com os braços e com a cabeça para se assenhorem d'elles.

Este chamamento amoroso sobresalta todos os espiritos e todos os corações gregos.

O rei, o ministerio, o parlamento, a nação em peso estão anciosos por corresponder aos votos da população helenica d'aquellas antigas provincias gregas.

Poderão tão poucos valentes medir com vantagem suas armas contra um inimigo numeroso, disciplinado e aguerrido? Caberá a tão grande empreza a gloria do triumpho?

Estarão realmente os gregos limitados aos proprios recursos ou contarão com alguém para recuperar aquellas provincias. Assim como contaram e bem para se livrarem do dominio turco, constituiu-lo-se em nacionalidade independente?

De crer é que assim como a Turquia tem quem lhe faça as costas quentes para andar pachorrenta e muito de seu vagar no meio de todas as pressas das grandes potencias para lhe disporem do que é seu, tambem não faltem amigos aos gregos, e que estes sejam animados e impulsionados e socorridos por elles na lucta.

—A França continúa o ingrato trabalho da expulsão das ordens religiosas e os exaltados parece que não podem dormir a somno solto em quanto pisar o solo da patria o mais humilde frade estrangeiro.

Os frades nacionaes vão-se ficando por onde podem e não se lhes fecharam para honra da humanidade todas as portas francezas. Com tanto que não vivam em communidade, a lei não prohibe a esses que permanecam em França.

—Os jesuitas, esses nem como particulares podem viver nas provincias ultimamente arrebatadas aos francezes. Bismark assim acaba de o ordenar e sabe-se como costumam cumprir-se as ordens do principe.

Este accordo do grande homem da Alemanha com os republicanos da França, na perseguição das ordens religiosas, tem dado thema para graves reflexões a diversos escriptores francezes.

Retiram as ordens religiosas e comecam as associações dos livres pensadores. Acabada a guerra ao clero regular, comecará a guerra contra o clero secular. É o que significa a approvação official dada a uma associação livre pensadora, protegida por Victor Hugo e Garibaldi, contra o clericalismo.

Miu caminho trilha de certo quem por taes procedimentos entende consolidar qualquer forma de governo. Não é perseguido, mas illustrando, não é pela violencia, mas pelo amor, que os homens se hão de melhorar.

Livres da concorrência das ordens religiosas, que expulsaram do paiz, vão os republicanos apresentar um projecto de lei, de caracter urgente, declarando obrigatoria e gratuita a instrucção primaria.

D'esta forma poderão encaminhar desde os primeiros bancos da escola até os mais elevados estabelecimen-

to encontra-se em perigos, em que nem todo o poder humano lhe pôde valer.

Quando um navio é jogado pelas vagas, desmastroado pelo vento, entregado pelos rochedos, reuni na praia os imperadores, os reis, os principes, os magistrados, os ministros de todas as nações, e elles na la mais farão do que votos estereis para o salvar.

Todas estas potencias, todas estas magestades, todos estes homens poderosos, não poderão acalmar as vagas, nem appacar o vento cinco minutos mais cedo. Como é que vós quereis que o marinheiro em perigo não procure mais alto um auxilio, que as potencias da terra não podem dar-lhe! Eu desejára ver-vos nas mesmas circunstancias, meu caro sr. Anthime. Uma só vez, n'um barco de pesca, me encontrei em grande perigo; estavam a dez leguas da terra; a tempestade tinha-se desencadeado com tanta furia, que não houve tempo para amainar a grande vela, que quasi nos fez soçobrar, e que um

marinheiro teve de rasgar com uma faca. Os mastros estavam partidos, o leme tinha sido arrebatado pelas ondas; as vagas varriam a coberta de tal maneira, que nós agarravamos-nos aos troncos dos mastros para não sermos arrastados por ellas.

Os pescadores, que tripulavam o barco, eram homens experimentados e cem vezes em sua vida tinham dado admiraveis provas de coragem; eram além d'isso homens d'uma estatura e d'um vigor, que recordavam os semi-deuses da antiguidade. Luctaram denodada e heroicamente contra a tempestade; mas, não obstante seus esforços, a barca derivava fatalmente para um banco de rochedos occultos debaixo das aguas, e cuja posição elles bem conheciam. A barca ia ali fazer-se em estilhaços.

(Continua)

C.

## SECÇÃO NOTICIOSA

### Te-Deum

Publicamos em seguida a carta que um assignante nos dirigiu, e nenhuma duvida temos em fazer a rectificação pedida.

Tomaramos nós ter sempre quem nos informe a verdade inteira.

Snr. Redactor:

«No ultimo numero do «Constituinte» na secção noticiosa, lê-se: *O Te-Deum foi intoadado pelo sr. conego Martins, assistido o ex.º sr. arcebispo primaz, que não offendeu por não ser para isso convidado pela camara.*

Permita v. que lhe diga que a camara municipal procedeu este anno, a este respeito, como costuma sempre proceder. A redacção da circular foi a mesma que a do anno passado, e entretanto o ex.º sr. arcebispo não dignou-se officiar.

Vê, pois, v. que a camara não merece a censura que lhe é feita.

Não lhe faltarão, talvez, occasiões em que as mereça, mas d'esta vez não.

Fazendo v. uma rectificação n'este sentido, ou publicando estas linhas muito obsequiará o seu (assignante e amigo...)

### Por causa de doença.

Informam-nos que s. exc.ª o sr. arcebispo não vae por falta de saude a Lisboa, onde em breves dias se devem reunir todos os prelados do continente, segundo a circular dirigida pelo ministro da justiça, para conferenciar acerca da suppressão definitiva d'alguns bispados e da circumscripção e arredondamento dos restantes.

### Audiencias geraes.

Brevemente vae o digno e recto magistrado d'esta comarca abrir as audiencias geraes.

Não ha, que nos conste, processo algum importante a julgar.

D'anno para anno, diminue, felizmente, entre nós, o numero dos grandes crimes.

### Doença

O sr. arcebispo primaz constipou-se por occasião do ultimo *Te-Deum*, intoadado no anniversario natalicio de el-rei o sr. D. Luiz I, pelo senhor conego Martins.

Consta-nos que não é de gravidade o incommodo de sua exc.ª rev.ª, ainda que o iniba de sair de casa durante alguns dias.

que attribuis á influencia da lua, por causa da coincidência das phases d'este planeta com a elevação e abaiçamento das aguas, sem vos dardes ao trabalho de resolver esta objecção assaz capital: Como é possivel que o Mediterraneo, que parece ficar debaixo da lua como o Oceano, não recebe d'ella a mesma influencia? Quando duas carretas marcham uma apoz outra pelo mesmo caminho, não está demonstrado que a primeira arraste a segunda, ou que a segunda imprime movimento á primeira.

As phases da lua, como as marés do Oceano, são effectos simultaneos d'uma causa ainda desconhecida. Meu caro sr., acrescentei eu, não me atrevo a querer defender Deus e advogar em seu favor perante vosso tribunal. Mas falemos somente de nossos bravos marinheiros. Sua existencia não é semelhante á vossa. Contra todos os accidentes que vos ameaçam na vida, um commissario de policia, o *maire* da communa, o proprio guarda campestre podem defender-vos. Mas a cada instante o marinheiro

quando julguei o discurso acabado, dispuz-me a responder-lhe.

«Meu caro sr., lhe d'igo eu, esta gente crê que Deus, creando o mar e pondo-lhe limites, reservou para si algum poder sobre elle, e pôde, a seu bel-prazer, levantar ou appacar a tempestade. Que prova podeis vós dar do contrario; vós outros, sabios que passaes a vida a tomar os effectos por causas, e que até hoje ainda não podestes explicar d'uma maneira satisfactoria o phenomeno da maré,

que attribuis á influencia da lua, por causa da coincidência das phases d'este planeta com a elevação e abaiçamento das aguas, sem vos dardes ao trabalho de resolver esta objecção assaz capital: Como é possivel que o Mediterraneo, que parece ficar debaixo da lua como o Oceano, não recebe d'ella a mesma influencia? Quando duas carretas marcham uma apoz outra pelo mesmo caminho, não está demonstrado que a primeira arraste a segunda, ou que a segunda imprime movimento á primeira.

As phases da lua, como as marés do Oceano, são effectos simultaneos d'uma causa ainda desconhecida. Meu caro sr., acrescentei eu, não me atrevo a querer defender Deus e advogar em seu favor perante vosso tribunal. Mas falemos somente de nossos bravos marinheiros. Sua existencia não é semelhante á vossa. Contra todos os accidentes que vos ameaçam na vida, um commissario de policia, o *maire* da communa, o proprio guarda campestre podem defender-vos. Mas a cada instante o marinheiro

ro encontra-se em perigos, em que nem todo o poder humano lhe pôde valer.

Quando um navio é jogado pelas vagas, desmastroado pelo vento, entregado pelos rochedos, reuni na praia os imperadores, os reis, os principes, os magistrados, os ministros de todas as nações, e elles na la mais farão do que votos estereis para o salvar.

Todas estas potencias, todas estas magestades, todos estes homens poderosos, não poderão acalmar as vagas, nem appacar o vento cinco minutos mais cedo. Como é que vós quereis que o marinheiro em perigo não procure mais alto um auxilio, que as potencias da terra não podem dar-lhe! Eu desejára ver-vos nas mesmas circunstancias, meu caro sr. Anthime. Uma só vez, n'um barco de pesca, me encontrei em grande perigo; estavam a dez leguas da terra; a tempestade tinha-se desencadeado com tanta furia, que não houve tempo para amainar a grande vela, que quasi nos fez soçobrar, e que um

**Junta geral do districto.**

Já abriu as suas sessões a junta geral do districto.

Um dos membros mais distinctos d'ella, o nosso amigo o sr. barão de Pombeiro, compareceu logo no primeiro dia.

Sabemos que já se tratou d'examinar o Seminário velho, para ver se poderá servir para edificio do governo civil.

**Visita ao districto**

Tocou hontem a Villa Nova de Fomalicao a satisfação de receber em seu seio o grande visitador, o sr. governador civil.

Houve musica, offerecida pelo regedor de Landim, e lanch offerecido pelo senhor barão da Trovisqueira.

Correu tudo bem, e s. ex.ª nada teve que censurar.

Até o substituto administrador mereceu a benção do grande visitador.

A comedia vae indo para o fim, felizmente.

**Legados**

No testamento com que falleceu o sr. Manoel José Fernandes Pereira encontram-se os seguintes legados:

Para fundo do Hospital de S. Marcos 1.000\$000 com a obrigação d'uma missa em cada anniversario do seu fallecimento; aos Asylo dos Entrevados de S. José 600\$000 reis; á irmandade de N. S. das Dores dos Congregados, com obrigação d'uma missa annual, 400\$000 reis; a N. S. da Conceição do Monte Sameiro 400\$000 reis; á confraria do SS. Sacramento da freguezia de Ruivaes, sua naturalidade, 200\$000 reis; ao conservatorio do Menico Deus da Tamanca 200\$000 reis; ao revd.º parcho de S. Lazaro, para distribuir por 10 viivas pobres, 80\$000 reis; ás recolhidas da Caridade 100\$000 reis; ás Beatas de Santo Antonio 40\$000 reis.

Estes legados foram assim duplicados em consequencia de ter morrido o unico filho que tinha o sr. Fernandes Pereira, hypothese que prevenira no seu testamento.

Deixou grande numero de missas pela sua alma, e pelas de sua esposa, paes, parentes, e pelas das pessoas com quem teve relações commerciaes, e ainda cincoenta pelas faltas que tivesse commettido no cumprimento das suas obrigações.

**Visita**

Não tem fundamento a noticia de vir ao reino gosar de licença o nosso amigo o sr. Vicente Pindella, governador das Ilhas de S. Thomé e Principe.

**Jogo.**

Todos os jornaes do Porto elogiam a habilidade e acerto com que o sr. commissario de policia Moraes Carvalho realiso a sua visita a tres casas de monte e roleta. Em todas ellas havia dinheiro e pontos.

Melhor teria sido que ha mais tempo se tivesse lembrado a policia de fazer o que agora fez, mas antes tarde que nunca.

Oxalá que todos os chefes de policia imitam o procedimento do commissario de policia do Porto.

**Crise ministerial**

Todos os jornaes da opposição insistem em affirmar que o ministerio

está em crise. Diz-se que El-rei não concede a *forçada*. A verdade é que o governo nem tem força nem prestigio. Tão depressa caíram na lama, os que se guindavam ás nuvens, quando com a mascara da hypocrisia escalavam em nome do povo as alturas do poder.

Não ha memoria de ter subido á governação publica um ministerio mais fraco, n'uma situação mais forte!

**Policia.**

Informam-nos que a policia prendera ante-hontem á noite um individuo, que depois de prezo fugiu.

O prezo fez bem, mas a policia fez mal, e é natural que o digno commissario deseje saber como isso aconteceu.

Se dão em fugir todos os prezos, o melhor é substituir por mulheres as praças do corpo de policia e dar-lhes rocas em lugar de sabres.

**Interdição.**

Affixaram-se editaes por ordem do sr. arcebispo, á porta da capella da S. do Amparo, na Povia de Lanhoso, declarando-a interdita. Foi em tempo que d'ahi empalmaram o cadaver incorrupto da santinha *Christina de Bragança*.

Todas as imagens foram retiradas para a capella do Horto.

Dizem-nos que o administrador do concelho e mais uns progressistas da villa não gostaram da ordem.

Porque?

**Esmolas**

A digna direcção do Asylo de S. José, d'esta cidade, recebeu, durante o ultimo mez d'outubro, para este humanitario estabelecimento, do sr. Francisco José d'Araujo a quantia de 5:000 reis, para suffragar a alma de sua ex.ª sogra, e do sr. Bento da Luz Pereira da Silva 700 reis, importancia do reconhecimento de cinco relações de inscripções d'assentamento.

É bem digno de protecção este estabelecimento.

Ha quem diga que foram os ricos que metteram os pobres decrepitos em uma casa, para estes os não perturbarem com seus gemidos nos gosos dos prazeres do mundo e que, por mais que se faça, no sentido de auxiliar os asylos, sempre haverá pobres cá por fóra e que mesmo crescerá o numero d'estes com o soccorros dados áquelles.

Não nos parece verdadeira em todo o sentido a theoria. É certo que pobres haverá sempre no meio de todos nós.

Não é porém sem proveito este facto lamentavel. A vista do pobre amollecera o coração do rico; o espectáculo da miseria alheia fará pensar na curta duração das grandezas proprias. É todavia consoladora a a idéa de que por nosso auxilio livramos o indigente de se andar arrastando pelas portas dos abastados a implorar sua caridade, vestido de farrapos, e com o rosto macerado pelas privações e muitas vezes o corpo coberto de asquerosas chagas.

Será, pois, merecedora de louvar toda a esmola que se faça a este asylo, que desde já remedia muita necessidade e com a protecção dos homens de bens de fortuna muitas mais ha de remediar.

**Selvagens.**

O *Commercio de Lima*—diz que mais uma vez foi arrombada a porta de ferro, do cemiterio d'aquella villa.

Os selvagens não existem só nos sertões da Africa.

**Exercicio**

O intelligente e agguerrido commandante do regimento n.º 8 ordenou que este bem disciplinado corpo entregue ao seu commando tivesse exercicio de fogo nas faldas dos montes que coroam a estrada que d'esta cidade conduz para Guimarães, junto da Ponte de S. João.

No dia 3 pelas 2 horas da tarde seguiu o regimento n.º 8 em magnifica ordem para aquella local, e ahi dividido em duas companhias de guerra, operou em defeza de dous pontos, por onde era simulado o ataque, mostrando nos diversos assaltos, manobras e estrategias que desenvolvem, que os respectivos commandantes dos pelotes eram perfeitamente conhecedores das regras da tatica militar.

Pelas 5 horas, retirou para o quartel o regimento debaixo de forma, mostrando não só os soldados como toda a briosa officialidade, que a fadiga, aliás pezada, que lhe vimos suportar pelo espaço de 3 horas, os tinha deixado perfeitamente prompt s para novos trabalhos.

Muito folgamos em dar este publico testemunho de respeito pelo distincto commandante e dignos officiaes do regimento n.º 8.

**Obra monumental.**

(Continuação do Dicionario de definições)

- Liga — Mistura de metaes com que se seguram as moedas.
- Vara — Uma medida de porcões na mão do juiz.
- Lá — Adverbio da musica.
- Guarnição — Porção de tropa nos vestidos que serve para ornamentar as salas.
- Olho — Parte da enxada com que se vêm os objectos.
- Óculo — Baraco de vidro para o olho.
- Camarote — Bliche de navio d'onde se assiste aos espectaculos do theatro.
- Capella — Casa d'oração que cinge a frente das noivas.
- Machado — Nome d'homem que corta lenha.
- Temporal — Osso da cabeça que produz desastres na terra e no mar.
- Sota — Carta do baralho que guia burros.
- Breve — Decreto pontificio que prohibe as massadas, e regula os signaes da musica.
- Area — Pateo d'uma casa para uma pessoa cantar.
- No — Laço apertado na garganta.
- Sol — Nota de musica no ceu.
- Pena — Castigo de passaro.
- Vaga — Onda incerta d'um lugar não exercido.
- Rei — Soberano: são precisos vintem para valerem um vintem.
- Canto — Pa te da sala muito melodiosa.
- Scena — Rio dos theatros.
- Voto — Parecer proferido por quem entra para o convento.
- Papa — Pontifice feito de farinha.
- Cravo — Flor da India nas ferraduras. (Continua).

**Baile infantil**

Deve verificar-se no proximo domingo 7 do corrente, pela 1 e meia ás 4 da tarde no aprasivel e pittoresco local do Bom Jesus do Monte, um passatempo inteiramente novo n'esta cidade.

E quem haverá por ahi, que se recuse a contribuir com a modica quantia de 200 reis para gosar o entusiasmo febril das creanças, a mollograda ambição dos adultos, os enganos e decepções de todos estes, durante duas horas e meia d'uma formosa tarde, em que o mastro de Cocagne, os saccos volantes e um baile infantil tem de ser os heroes da festa, e de nos abreviar o tempo que tão gostosamente se costuma passar sempre no Bom Jesus do Monte?

Ninguem. Mas se as nossas bem fundadas previsões ficarem malogradas, que se livrem de soltar aos nossos ouvidos essas lamuriantes queixas, com que nos andam por ahi a atordoar os impacientes — de que a vida em Braga é insupportavel, monotona e aborrecida, porque n'esse momento não teremos prudencia nem paciencia para deixar de lhes dizer, que se em Braga não gosamos as distracções que tanto entretem os moradores d'outra cidade, á nossa preguiça e falta de gosto devemos attribuir a uniformidade de vida, a que nos submettemos inerte e sombriamente.

**Novo jornal.**

Recebemos os n.ºs 1 e 2 do novo jornal de Lisboa que tem por titulo *O Novo Rebate*.

E' orthodoxo em materia de religião, e opposição ao actual governo. Boa viagem, collega.

**Em Coimbra, como no Areal**

Le-se no «Primeiro de Janeiro»:

«*Christo e as Santas de Coimbra* — Dizem d'aquella cidade que o Christo do templo dos Carras, o seu arjo e a sua apostola — duas batateiras — foram no domingo a peregrinos ao sr. commissario de policia. No transitio, da baixa á alta, uma enorme massa de povo os acompa hou, com vociferações indignadas, morraí, a-uu-poo, ironias, uma grande effernescia, uma algazarra de esurdecar. Mulheres, homens, garotos, mais de 500 pessoas, formavam uma longa cauda pelas ruas, rido-se d'aquelles maraus, querendo esmagal-os. A policia a custo conseguia impedir que o povo fizesse justiça á luz do dia. E o Christo Romão, todo elle de uma trafficancia notavel na cara, na pallidez e na barbiuha, seguia resignadamente para o calva io da policia, embaçado em um chale-manta.

Começam a saber-se episodios do apostolato do Romão alfaiate, o marau que soube explorar o ultimo tremor de terra.

Uma pobre mulher, com o marido muito enfermo, não se lembrando do medico, firmou todas as esperanças na batateira. Foi ter com ella, e pedir-lhe a saude do homem, que lhe era ama e anparo.

Teve entrada no templo, contemplou a face do Senhor Romão, e deixou sete moedas.

Chagou a casa. Pelo caminho muitas esperanças. Elle ia levantar-se são e escoreito. Ia para o trabalho, para o campo, forte, satio, todo elle respirando saude. Assim o affirmava o Deus do larço dos Carras a tropa de 333600 reis. Mas passadas poucas horas vinha a tremenda decepção, e o desgraçado partia d'esta para melhor.

Exultas as primeiras lagrimas, a mulher foi ter com a santa.

—Que o milagre não fóra feito, e então que lhe restituissem o dinheiro, o sangue do seu sangue, pelo menos metade.

Pela segunda vez lhe foi permitido transpór os humbraes do logar sagrado.

Romão estava na cruz. Aos la os duas velas ardiam, sil meio-samente, n'uma meia luz mysteriosa. E a mulher attonita, prostrada, olhava para Deus, á espera das suas sete moedas.

O arjo disse: —Senhor! A mulher, como o marido lhe morreu, quer o dinheiro.

Então o alfaiate molhou os labios com a lingua sabivada, e a meia voz, muito do-cemente, balbuciou:

—O que se dá ao Senhor não se torna a tirar!

**Versos**

ANCEIO.

(M. C.)

Nunca fóra apunhalado do cume ao ferro fatal, se não me fóra mostrado o meu disoso rival!..

Eu viveria contente vivendo só d'esperanças, vivendo como as creanças — a sonhar constantemente...

Viveria da illusão mais ignoua e mais ditosa, —perfumada como a rosa, serena como um perdão,—

Sem pedir mais ao Senhor n'um desvañado momento: —o enorme deslumbramento d'um raio do seu amor!—

Bastava-me essa ventura de vel-a passar sorrindo, sem ver que a ia seguindo n'uma adoração tam pura!

Bastava-me essa alegria mesmo que fosse sonhando: —saber que fallara um dia de mim—embora zombando!

Bastava-me unicamente, (como a ventura nos falla!) que ella deixasse somente olhal-a de longe, olhal-a!..

Porto, Novembro de 1880.

I. C.

**AGRADECIMENTOS**

Antonio José Pereira e sua esposa Custodia da Graça Pereira, agradecem aos cavalheiros que se dignaram assistir á missa obituarial na igreja dos Terceiros em 27 do mez passado, a fineza da sua valioza comparenca n'esse acto funerario, consagrado á memoria de sua finada comadre *D. Antonia Violante de Mello Gonçalves*, fallecida em Machambomba, no imperio do Brazil.

Confessam-se em extremo penhorados, a todos em geral, e a cada um em particular: servem-se, d'este expediente jornalístico, a fim de não commetterem falta alguma em relação a qualquer dos bndosos cavalheiros, deixaram involuntariamente, d'agradecer a fineza a alguns d'elles em particular.

Braga, 1 Novembro de 1880. (58)

**ANNUNCIOS**

**RECREIOS AO AR LIVRE**

NO APRASIVEL E PITTORESCO LOCAL DO

**BOM JESUS DO MONTE**

Domingo 7 de novembro da 1 1/2 ás 4 1/2 horas da tarde

MUSICA NO LAGO

BAILE INFANTIL

OS SACOS VOLANTES

**MASTRO DE COCAGNE.**

Preço 200 reis

O producto d'este divertimento revertirá em favor das obras do Real Sanctuario do Bom Jesus do Monte.

Ji se acham os bilhetes á venda nos seguintes estabelecimentos: Café Ferreira Braga (antigo café Vianna), Typographia Camões, e na Companhia Carris de ferro. (59)

**Livros classicos.**

Na officina de encadernação da rua Nova n.º 44, vendem-se livros classicos e devotos, por preços commodos. (47)

**ESTABELECIMENTO**

DE LOUÇAS, VIDROS E CRYSTAES DAS PRINCIPAES FABRICAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE BERNARDO JOSÉ FERNANDES CARNEIRO

15 — Rua do Souto — 15

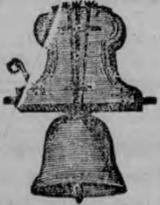
Participa aos seus freguezes e ao publico, que recebeu um variado sortimento de camas e lavatorios de ferro, fogões de fogo circular para lenha e carvão, ferros de engomar, bacias de ferro estanhado proprias para cosinha, e bem assim muitos outros artigos concernentes ao seu estabelecimento, cujos preços não teem competidor. (4)

Contra todas as tosses e molestias do peito

**O XAROPE PEITORAL BALSAMICO DO POBRE**

E' o melhor especifico contra todas as tosses antigas e modernas, bronchites agudas e chronicas e recommendado pelos principaes medicos conforme o attestam.

DEPOSITO GERAL  
**Pharmacia Braga**  
Rua do Anjo, (Esquina de St.ª Cruz)



FABRICA DE FUNDIÇÃO DE SINOS  
EM  
**BRAGA.**

NARCIZO ANTONIO DA COSTA BRAGA, com fabrica de fundição de sinos, na rua das Aguas n.º 37, continúa a dar com promptidão e esmero de trabalho todas as obras de fundição relativas á sua arte reduzindo o antigo preço do metal a 610 reis o kilo.

Além das obras d'encomendas tem o annunciante para vender no seu estabelecimento sinetas e campainhas. Compra sinos velhos até 435 rs. o kilo.

**CASA DE MODAS**

DE

José Antonio da Silva Lomar

28, RUA DO SOUTO, 29

Avisa as illustres damas Bracarenses de que acaba de receber um grande e variadissimo sortido de lãs para vestidos, linhos, cretonnes, percales, leques de 20 rs. para cima, golas e punhos para senhoras, e um bom sortimento de formosos laços e gravatas.

Fatos de Casemira a 4\$500 rs. e muitos outros objectos proprios do seu estabelecimento, que tudo vende a preços resumidos.

**AO PUBLICO**

RICARDO TEIXEIRA DA SILVA, com estabelecimento de ferragens no Campo de Sant'Anna n.º 1, participa aos seus freguezes e ao illustrado publico, que mudou o seu estabelecimento para a casa n.º 14 do referido Campo de Sant'Anna.

N'este estabelecimento tambem se encontram laboratorios, camas de ferro e colchões para as mesmas tudo por preços reduzidos.

PHOTOGRAPHIA, LITHOGRAPHIA, E ESTAMPARIA

**TYPOGRAPHIA CAMÕES**

DE

SILVA BRAGA

11-CAMPO DE SANCT'ANNA-11

**BRAGA**

Este estabelecimento encarrega-se de toda a qualidade de impressões tanto de lithographia como estamparia e typographia, taes como: facturas, circulares, mappas, acções de companhias, cheques, letras, cartazes, programmas, rotulos, enderesses, etc., etc.

**BILHETES DE VISITA.**

Toma-se conta da impressão de qualquer livro, garantindo-se a nitidez do trabalho.

**GRAVURA**

Grava-se em todas as qualidades de metal, em baixo e alto relevo, e bem assim se extrahem estampas tanto das gravuras de que se encarregar, como das que se lhe apresentarem.

No mesmo estabelecimento se encontra á venda tudo o que ha de melhor, em papelaria, objectos de escriptorio e desenho, recomendaveis pela qualidade e modicidade de preços.

**COLLEGIO ACADEMICO**

DE

**N. S. DE GUADELUPE**

RUA DE CAMÕES (antiga de S. Faustino)

DIRECTOR—JOÃO JOSÉ ALVES D'ARAUJO

Continua a receber alumnos internos, semi-internos e externos para todas as disciplinas d'instrucção primaria e secundaria.

**CORPO DOCENTE:**

Instrucção Primaria . . . . .	P.º José Maria Bernardes Mendes
Portuguez . . . . .	Dr. Albuquerque
Francez . . . . .	João José Alves d'Araujo
Inglez . . . . .	P.º Manoel José Pereira
Latim . . . . .	" " " "
Latinidade . . . . .	" " " "
Desenho (curso completo) . . . . .	Antonio Celestino da Silva
Desenho de paisagem e figura . . . . .	" " " "
Geometria . . . . .	Zeferino de Moraes e Motta
Mathematica . . . . .	
Introducção . . . . .	
Geographia . . . . .	Dr. Fragoso
Philosophia . . . . .	" "

Gymnastica, musica, etc., etc.

**GRANDE HOTEL**

NO

**BOM JESUS DO MONTE**

EM BRAGA.

Abriu-se este importante estabelecimento.

Offerece asseio, bom serviço e modicidade de preços.

**MOURA**

5, RUA DE S. MARCOS, 5

BRAGA

Vende papeis pintados para guarnecer sallas, lindissimos gostos, a principiar em 80 reis a peça.

Vende oleo, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e preços muito resumidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.